

**Os 12 Macacos - A Reversão do Tempo Histórico
em favor da Presentificação**

(Luiz Vadico)

O autor: Prof. Dr. Luiz Vadico - Historiador e Escritor - Bacharelado e Licenciado em História/IFCH - UNICAMP – Doutor em Multimeios/Instituto de Artes - UNICAMP. Este artigo resulta de uma Bolsa de Doutorado concedida pela CAPES (Projeto: A Imagem do Ícone. Cristologia no Cinema. Um Estudo Sobre a Adaptação Cinematográfica da Vida de Jesus Cristo – 1897-2004), sob orientação do Prof. Dr. Marcius Cesar Soares Freire. Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi-Morumbi de São Paulo, onde desenvolve a pesquisa *Arquiteturas Fantásticas – Cidades Imaginárias no Cinema e na Televisão: Um repertório visual e crítico*. Integrante do Grupo de Pesquisa Formas e Imagens na Comunicação Contemporânea.

Resumo: A proposta neste artigo é verificar uma inversão do tempo histórico proposta em filmes hollywoodianos que possuem como tema a viagem no Tempo. Para tanto será utilizado como objeto de análise o filme *Os 12 Macacos*, 1995, do diretor Terry Gilliam. Pretende-se verificar por que razão este filme qualifica-se como um paradigma da produção do gênero na década de 90 e ao mesmo tempo estabelece-se como um documento do imaginário social à respeito do Tempo naquele período.

Palavras-chave: Tempo, Narrativa, Terry Gilliam

Introdução:

Os 12 Macacos (*12 Monkeys*, 1995) com direção de Terry Gilliam e produção da Universal Pictures, tornou-se, de maneira bastante rápida, um clássico das viagens no tempo. O diretor, já bem experimentado nas produções do grupo inglês Monty Python, havia feito uma primeira incursão num roteiro de viagem no tempo em *Bandidos do Tempo* de 1981, e uma outra bem sucedida incursão num roteiro pós-modernista com *Brazil, o Filme* de 1985. A sua experiência como diretor foi um dos quesitos fundamentais para o sucesso do filme. Trabalhou com um roteiro original e baseou-o num filme de Chris Mark, *La Jeteé*, de 1962.

Escolhi *Os 12 Macacos* para um comentário mais pormenorizado por que nele se reúnem várias características que marcaram parte da produção da década de 80 e parte da década de 90, como: máquina do tempo fixa no futuro, controle da viagem do Estado/cientistas, viagem com ida e volta, e a valorização do Tempo Presente.

Os Doze Macacos

O filme conta a história de James Colle (Bruce Willys) um viajante do tempo vindo do futuro, ano 2035, para o que se pode chamar tempo-presente, os anos de 1990 e 1996. Sua missão era conseguir informações suficientes sobre um vírus (desenvolvido em laboratório) que no futuro havia dizimado 5 bilhões de pessoas, graças a um atentado terrorista iniciado supostamente por um grupo autodenominado Exército dos 12 Macacos, liderado por Jeff Goanes (Brad Pitt). O seu desempenho nessa missão começa a ficar prejudicado em razão de alguns efeitos colaterais da viagem no tempo, que causariam certa confusão mental. Ajudado por uma psiquiatra (Madeleine Stowe) ele desenvolve um comportamento de negação de sua origem, o futuro. O momento culminante do filme é aquele em que ele precisa confessar-se louco para a psiquiatra, para tentar, de alguma forma, negar a existência do futuro, futuro este que ele tem de salvar.

O filme iria ganhar a sua característica de *cult* pela tentativa brilhante de Terry Gillian de confundir o espectador. Durante todo o enredo pairará uma dúvida no ar: James Colle era um viajante do tempo ou um paranóico esquizofrênico? Antes da abertura do filme são introduzidos os seguintes letreiros:

“...Em 1997, 5 bilhões de pessoas morrerão de um vírus....os sobreviventes abandonarão a superfície do planeta....os animais voltarão a dominar o mundo...” Trechos de uma entrevista com um paranóico esquizofrênico clínico. 12 de Abril, 1990 - Baltimore County Hospital

A partir destes dados, várias vezes durante o filme será desenvolvida a idéia da paranóia do personagem principal vivido por Bruce Willis. Aqui não será discutido se se tratou de loucura ou não. Verificando a fundo a possibilidade de loucura pude concluir que a questão da paranóia pode ser conjugada junto à aceitação do tempo presente e não ao fato da existência ou não da viagem, como evidentemente queria o diretor.

A primeira seqüência inicia-se com o close nos olhos de um garoto. Um clarão ilumina-os e os faz desaparecer; surge um homem - em plano americano - caindo em forma de cruz. Ele é mostrado de costas, como se fosse empurrado. A cena toda é em câmera lenta. Ocorre um corte para mostrar a chegada de uma mulher que corre em direção ao homem para salvá-lo. Corta novamente, mostra o homem que continua caindo, corta para mostrar o rosto do garoto que observa. Corta para a mulher, que ajoelha-se ao lado do homem caído, leva a mão dele até a sua face. A câmera corta e mostra o rosto do garoto novamente, ao mesmo tempo vai fechando em seus olhos, fazendo a passagem para a segunda seqüência. Dos olhos do garoto surgem os olhos de James Colle. Ele é despertado por uma voz de auto falante que se confundia com a voz de anúncio de embarque da cena anterior, que se passava num aeroporto, tudo não havia passado de um sonho. James Colle é um prisioneiro. Prisioneiro nos subterrâneos, em 2035.

Com passagens bastante elaboradas entre as seqüências, Terry Gillian, sistematicamente, constrói cada uma delas com elementos trazidos umas das outras. Assim, o sonho inicial é mostrado cinco vezes, em momentos diferentes, e a cada vez há um elemento novo nele. Este elemento novo normalmente é acrescentado após alguma experiência de James Colle.

Da mesma forma o cenário sempre terá algum elemento que lembra a seqüência anterior. Mais um exemplo disso: na quarta seqüência Colle, após passar por um teste, fazendo pesquisas na superfície do planeta com roupas parecidas com um traje espacial, é lavado e descontaminado no subterrâneo e será submetido a uma entrevista com cinco cientistas. Colle senta-se de frente pra eles. Estes por sua vez estão por trás de uma longa mesa. Quatro homens e uma mulher. Eles irão passar-lhe a missão: viajar no tempo e coletar, em sua forma pura, o vírus que dizimou quase toda a humanidade.

A cena que equivale a esta é a da seqüência 09 onde James é levado para uma entrevista com uma banca de psiquiatras. Eles estão por trás de uma mesa, na mesma posição em que estavam os cientistas do futuro. São quatro homens e uma mulher e Colle está sentado de frente para eles. Um outro detalhe relevante: nesta cena existe uma clarabóia. Na quarta seqüência, descrita acima, havia um objeto parecido com uma clarabóia, por trás dos seus vidros mexia-se a sombra de um homem. Esta espécie de clarabóia, com as sombras de um homem mexendo-se por detrás ressurgirão em vários momentos do filme, são um detalhe extremamente discreto.

Este detalhe seria o equivalente do consciente obliterado de James Colle. Se nos prendermos a ele ficará claro que realmente tratava-se de um paranóico. No entanto, apesar do capricho do diretor em fazer essas auto referências entre as cenas, o roteiro mesmo deixa claro que se trata de uma viagem no tempo.

Bem, ultrapassada a primeira barreira, ou melhor, contornada a suposta loucura do personagem, voltemos à questão do sonho. Este recurso foi utilizado pela primeira vez em *Fugindo do Futuro* (1991).

Naquele filme o sonho era utilizado para deixar claro para o espectador o trauma da personagem central, Ben Wilson (Jeff Daniels), que fugiu covardemente do acidente que matou sua esposa. Em *Os 12 Macacos* o recurso do sonho registra o trauma do paradoxo do encontro consigo mesmo. O garoto que vê o homem sendo morto é o próprio James Colle, e o homem que morre é nada mais nada menos que James Colle.

O sonho, desta forma, mantém um duplo papel. O primeiro é o de informar o trauma vivido pelo personagem e sua fixação naquele momento. O segundo é o fato de que o sonho em si mesmo fixa um outro tempo dentro do filme. Nele tudo ocorre sempre em câmera lenta. A história de James Colle irá se repetir pela eternidade, pois é um tempo cíclico. Um garoto vê um homem sendo morto, ele cresce e vira o homem que irá ser morto na frente de si mesmo quando garoto, o garoto que viu novamente irá crescer, e novamente será morto na frente de si mesmo. Enfim, uma temporalidade própria apenas do personagem James Colle. O fato descrito no sonho ocorre em 1997. Podemos dizer então que James tem uma fixação traumática e temporal no tempo presente.

Esta fixação ficará clara ao longo do filme. Para os cientistas do futuro não importa o que Colle fará com as pessoas de 1997, isto não é importante, pois a maioria delas morreria pouco depois, e não causaria nenhum paradoxo. Mesmo sabendo disso, o personagem apaixona-se pelo tempo presente e pela doutora Kathrin, sua psiquiatra.

A primeira afirmação neste sentido ocorre na seqüência 6, James está numa cela da delegacia, em 1990, e é interrogado por Kathrin. Em meio à conversa ele diz de si para consigo: "*Este ar! Adoro este ar! Não tem micróbios!*".

Depois ele voltará para o futuro e fará uma nova viagem, desta vez para 1997, a data certa. Antes deu uma passadinha pela primeira Guerra Mundial e levou um tiro na perna, afinal a Máquina do Tempo ainda não estava perfeita... Ele rapta a Dra Kathrin, para que ela o ajude a chegar a Philadelphia (estavam em Baltimore), pois segundo ele os acontecimentos importantes se dariam lá. No carro, James, ouvindo música no rádio

diz: *"Adoro a música do século XX. Gosto deste ar! Adoro este ar!"* - enfia a cabeça pra fora da janela do carro, fica sentindo o vento no rosto, de boca aberta, como se engolisse todo o ar que pudesse (cena encontrada em 00:50:42). O seu desejo de ficar no tempo presente e não voltar mais para o futuro vai crescendo e tomando corpo, como na seqüência 37 (cena encontrada em 01:15:18). A Dra. Kathrin tenta convencer Colle que ele é "divergente" que está doente e que ela pode ajudá-lo, ele lhe responde: *"Quisera estar louco. O mundo estaria salvo, viveríamos ao ar livre. Eu viveria aqui mesmo. Tem água, ar, estrelas! Se respira! Adoro este mundo! Adoro os sapos, as aranhas!"*

Enquanto a Dra. Kathrin faz sinal para a polícia aproximar-se e prendê-lo, ele some. Neste sumiço volta para o futuro. Chegando lá é bem recebido pelo cientistas, obtivera sucesso em sua missão. Localizou o exército dos Doze Macacos como o responsável pela contaminação pelo vírus. James os convence de que deseja voltar para o presente, para continuar sua missão. Na verdade ele rejeita o futuro e deseja voltar para o presente. Ao fazer isso acredita estar louco e joga mentalmente com as imagens que ele mesmo cria e que o aprisionam. Enquanto isso a Dra. Kathrin conseguiu fatos concretos e objetivos que demonstravam que Colle realmente era um viajante do tempo. Na seqüência 47, eles se reencontram e James responde para a Dra. quando ela alerta para o fato de que a polícia o está vigiando e perseguindo: *"Não, quero me entregar. Onde estão? Não estou mais louco. Só sofro de divergência mental. Agora sei e quero que me ajude. Quero me curar."*

Neste momento do filme - ao menos quando se o assiste pela primeira vez - a impressão que se tem é de que ele de fato seja louco. Kathrin leva-o até um hotel de quinta categoria para que possam conversar. Ambos chegam à conclusão de que ele não está louco e que veio do futuro. Mesmo assim Colle diz: *"Quero desconhecer o futuro. Quero recuperar minha saúde. Quero que este seja o presente. Quero ficar aqui, nesta época...com você!"*

Eles são interrompidos por um gigolô, na luta James e ele se trancam no banheiro. Ao sair de lá James havia arrancado os próprios dentes com o canivete tomado ao gigolô. Diante do espanto da Dra. com relação a tanto sangue, afirma: *"Localizam-nos (cientistas do futuro) pelos dentes. Não quero que me encontrem nunca. Não quero voltar."*

Tenho até aqui todo o material de que necessito. O personagem, inicialmente, tenta convencer-se de que é louco. Adorava o tempo presente e precisava demais ficar

nele. Percebendo que não se trata de loucura ainda assim deseja negar o tempo futuro e chega a mutilar-se fisicamente para impedir que o levem de volta. Colle não é a única personagem do filme a não querer voltar para o futuro. Pelo menos duas outras personagens passeiam pela estória alertando sobre o futuro catastrófico e lhe dando dicas de como escapar ao controle dos cientistas. A valorização do tempo presente, iniciando-se na década de 80 chega ao auge neste filme. O que nos importa aqui é tentar desvendar o porque dessa extrema valorização.

Reversão no Tempo da História ou Desaceleração do Tempo?

Enquanto historiador, a reversão no Tempo da História foi o que primeiro me chamou a atenção neste filme. O que aqui é chamado de reversão é algo simples. Quando se pretende ensinar ou falar sobre História para alguém, diz-se sobre ela: *a História estuda os fatos que aconteceram no passado, desta forma ela explica o presente e a nossa sociedade, onde nos encontramos e vivemos, e assim nos dá - a partir de nosso auto conhecimento - um sentido em relação ao futuro.* Ora, nestes filmes, onde o presente é extremamente valorizado, o que se deu foi uma inversão dessa lógica. Em sua maior parte eles caracterizam-se por personagens vindos do *tempo futuro para o presente*, estes personagens contam como será o futuro, alguns fatos esparsos que o compõem. Explicam que estes fatos ocorreram devido a outros fatos que "estavam" acontecendo no tempo presente, por sua vez, para que o futuro - catastrófico ou não - pudesse ser alterado, as pessoas do presente deveriam tomar "decisões" diferentes em relação a ele.

Tínhamos então a formação de uma história do futuro. Esta história, muitas vezes pessimista e catastrófica - característica da produção cinematográfica futurista dos anos 80-, devia ser conhecida e apreendida para ser evitada. Estava então proposta a reversão: há uma história do futuro, esta ilumina e faz compreender o presente, este, por sua vez, ganha um novo sentido em relação ao tempo futuro.

Esta reversão em termos técnicos pode ser percebida nas produções de viagem no tempo e também na construção da história do futuro em filmes futuristas, no entanto, o mais significativo ainda é a valorização do tempo presente, pois ela nos dá as melhores pistas para entender o que está acontecendo com a sociedade contemporânea que origina estes filmes.

Num levantamento realizado por mim pude perceber que na década de 80, 11 entre 12 filmes terminavam no tempo presente. Dos 21 filmes da década de 90, 12

tinham como destino o tempo presente. Deve-se ressaltar também que a produção destes filmes aumentou numericamente em pelo menos 80% de uma década para a outra. O que se tem aqui, então, é um dado relativo a uma preocupação coletiva para a qual o cinema dá uma resposta. Na produção destas duas últimas duas décadas é o próprio tempo que está em questão.

James Gleick, famoso pelo livro *Caos - A Criação de Uma Nova Ciência*, lançou um outro livro: *Acelerado - A Velocidade da Vida Moderna - O desafio de Lidar com o Tempo*. Como quase tudo que é contemporâneo do problema não se pode afirmar se ele traz respostas ou sintomas. Na obra, Gleick, faz um magistral percurso de idas e vindas pela história tecnológica da "pressa". Ele verifica como surgiram os sintomas de que a nossa sociedade vive um Tempo Acelerado. A sua opção foi bastante interessante, pois faz um percurso através do domínio do homem moderno, normalmente a partir do século XIX, sobre a espacialidade, a velocidade e o tempo, visando evidentemente, perceber como o tempo se acelera.

As causas são tão diversas quanto os trinta e oito capítulos do livro, em cada capítulo ele aponta não uma, mas várias causas. Essas causas são tecnológicas: primeiro as locomotivas, que necessitavam controlar o tempo, os horários de chegada e partida, depois as trocas de informação via telegrafo, telefone, etc. Posteriormente as transmissões de rádio e televisão, e os meios de transporte: das diligências ao concorde. Essas mudanças crescendo sempre exponencialmente. Uma busca louca pela velocidade, que significava gastar o mínimo de tempo em determinadas atividades para ganhar mais tempo. Tempo este, por sua vez, tomado por novas tecnologias desejosas de ocupar todo e qualquer tempo livre.

As questões que o autor se coloca soam às vezes ingênuas, pergunta-se em termos biológicos quanto o homem pode agüentar de aceleração temporal. E ele dá a resposta: o homem adapta-se. Ao menos é o que fica insinuado. Gleick percebe bem o homem sozinho diante de uma massa de informações e exigências sociais para que ele se acelere e que acompanhe o ritmo da vida moderna, mas pensa que é o indivíduo quem pode definir a velocidade. Declara convictamente que é o seu leitor quem tem o "acelerador".

Como disse anteriormente este livro pode ser visto com uma resposta ou um sintoma. Vejo-o como um sintoma. Um sintoma que me permite ficar mais à vontade diante de minhas afirmações relativas à viagem no tempo. Essas produções iniciaram-se na década de 50, possivelmente como um saudável sintoma de que o homem desejava

controlar o tempo, quantificá-lo, medi-lo, pesá-lo se possível fosse e enfim, viajar por ele. Nas últimas produções, quatro décadas depois, pode-se perceber que há um desejo social de que o tempo pare.

É isto o que significa, em última instância, a extrema valorização do tempo presente. Como já havia dito em outros capítulos o Presente é o único tempo e o mais fugidio, enquanto tudo aponta para o amanhã, para uma nova tecnologia, para um novo comportamento, para uma nova sociedade, para novas informações, etc, etc. Nossa produção faz o caminho inverso, o futuro aponta para o presente e diz que o presente é bom!

Assim, este futuro, personificado pelo nosso James Colle nos diz coisas como: Adoro este ar! Amo a música do século XX! Um personagem que se declara louco para não abandonar o presente. Um personagem que se mutila fisicamente para não abandonar o presente. Mais que isso, uma produção que mostra um personagem plenamente consciente de que não detém o controle sobre o tempo. Ele viaja por ele, mas quem o envia é o governo através dos cientistas. Ele deseja ficar no presente, mas quem não deixa é o governo, que acaba criando uma situação onde o personagem morre. Isto fica ainda mais claro quando lembramos que das 21 produções analisadas em 15 delas o poder sobre a viagem não era o do personagem, mas do Estado/cientistas. Resta dizer que o Estado é sempre implícito, não é algo nomeado ou imagéticamente significado contra o qual se possa lutar.

Diferentemente do que diz Gleick, o personagem e a produção percebida, me permitem afirmar que este tipo de produção socialmente encarna o desejo de desacelerar o tempo. Assistir a paixão de Colle pelo tempo presente é ouvir um pedido para que nossos olhos voltem-se para o ar puro que nos resta, a música que nos toca, as estrelas que ainda nos observam.

Os 12 Macacos traz uma diversidade de enfoques possíveis e que poderiam ser ainda explorados. Baseado na produção *La Jeteé* de 1962, ele difere deste quanto à catástrofe. Naquele filme era uma guerra nuclear que destruía o mundo do presente, nesta produção é um vírus. Um vírus criado em laboratório que cai nas mãos de um louco. Ainda em outra instância *Os 12 macacos* é herdeiro da preocupação ecológica iniciada por *Jornada nas Estrelas IV - De Volta pra Casa* (1986), pois nele o grupo terrorista liderado por Jeffrey Goanes (Brad Pitt) deseja soltar os animais do zoológico; além disso o vírus disseminado pelo planeta só afetava seres humanos, os animais - no

futuro - voltaram a dominar a Terra. Este vírus era, na verdade, um pesticida contra a pior praga que assolou o planeta nos últimos milhares de anos: o homem.

Assim como a sociedade que o originou, o percurso da viagem está acelerado. Distante dos quinze minutos do primeiro filme *A Máquina do Tempo* (George Pal, 1960), o percurso da viagem foi reduzido para dois segundos, quando ele é mostrado, o que foi feito apenas duas vezes ao longo do filme. Chama atenção a velocidade dos cortes, também bastante acelerada. E as chamadas "impurezas", a relação com a televisão, rádio e outros objetos comunicantes é incessante. Eles não aparecem como meros objetos de cena, mas muitas vezes como informativos do que está circundando as personagens. Informam o que acontece para o público e para os mesmos. É graças a um episódio de telejornal, cujo final James Colle adianta para a Dra. Kathrin, que ela começa a suspeitar que ele realmente viera do futuro.

Meu último comentário será sobre a produção do fim da década de 90. *Jornada nas Estrelas - Primeiro Contato* (Jonathan Frakes, 1996) e *Perdidos no Espaço* (Stephen Hopkins, 1998) trazem aquela última e inovadora característica: a viagem no tempo seria possível no futuro e seria feita do futuro para o menos futuro - isto em relação ao nosso tempo presente. Este dado faz pensar num último exacerbar de todas as características anteriormente citadas neste artigo. Ao final da década de 90 a viagem do tempo não diz mais respeito ao espectador. Ele é exatamente isso, espectador. A viagem, seus meios, suas conseqüências, seus paradoxos, o controle da viagem, tudo, exatamente tudo é tirado do horizonte do espectador. Talvez, sem exagero, se possa afirmar que o Tempo fugiu do controle, bem...ao menos do controle dos indivíduos.

Bibliografia

CARDOSO, Ciro F. *A Ficção Científica, Imaginário do Século XX: Literatura, Cinema, História em Quadrinhos*. mimeo, 93.

GLEICK, James. *Acelerado: A velocidade da vida moderna: O desafio de lidar com o tempo*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000.

GOIMARD, Jacques. "Temps, Paradoxe, et Fantaisie" in: IOAKIMIDIS, Demètre & KLEIN, Gerard. *Histoires de Voyages dans Le Temps*. s.l.e.: Librairie Générale Française, 1975.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna - Uma pesquisa sobre as origens da mudança social*. São Paulo: Ed. Loyola, 1994.

ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário. Perspectivas de uma Antropologia Literária*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

JOHNSON, Paul. *Tempos Modernos: O mundo dos anos 20 aos 80*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed. & Instituto Liberal, 1994.

LYOTARD, Jean François. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1990.

RAY, Christopher. *Tempo, Espaço e Filosofia*. Campinas: Ed. Papyrus, 1993

VIRILIO, Paul. *Guerra e Cinema*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1993.